



PRÁTICAS CORPORAIS COMO COMPONENTE DA CULTURA QUILOMBOLA: COMUNIDADE DO CEDRO

DOI: 10.48075/ri.v24i2.29093

Raiane Sebastiana Souza Berigo¹
Cátia Regina Assis Almeida Leal²

RESUMO: Este trabalho objetivou identificar a presença das práticas corporais em uma comunidade quilombola no sudoeste do estado de Goiás. As práticas corporais foram desenvolvidas pelo ser humano no decorrer do tempo histórico, permitindo o desenvolvimento das potencialidades corporais e culturais. A cultura dos quilombolas está diretamente ligada à história de escravidão e perversidade sofridas pelos negros vindos da África, que, em sua diáspora, trouxeram consigo costumes e crenças que se traduziram pelo movimento dos corpos: dança, esporte, brincadeira, jogos e músicas. Para o desenvolvimento deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de aprofundar o entendimento do contexto histórico-cultural das comunidades negras e dar suporte à análise. Realizou-se também uma entrevista semiestruturada com um membro da comunidade quilombola do Cedro. A pesquisa bibliográfica e a entrevista permitiram analisar as informações à luz do referencial teórico adotado. Observou-se que a prática de esportes e dança, além de presentificar as tradições, é a principal ferramenta de exposição e integração da comunidade com a sociedade, causando sentimentos de satisfação e pertencimento.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola; Práticas Corporais; Cultura.

BODY PRACTICES AS A COMPONENT OF QUILOMBOLA CULTURE: CEDRO COMMUNITY

ABSTRACT: This study aimed to identify the presence of bodily practices in a quilombola community in the southwest of the state of Goiás. Body practices were developed by human beings over historical time, allowing the development of body and cultural potential. The culture of the quilombolas is directly linked to the history of slavery and perversity suffered by blacks from Africa, who, in their diaspora, brought with them customs and beliefs that were translated into the movement of their bodies: dance, sport, play, games and music. For the development of this work, bibliographic research was carried out in order to deepen the understanding of the historical-cultural context of black communities and to support the analysis. A semi-structured interview was also carried out with a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Jataí (UFJ), com bolsa CAPES. Graduada em Educação Física pelo Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). E-mail: raianeberigo2001@gmail.com

² Professora nos cursos de Educação Física e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí. Doutora e Pós-doutora em Educação. E-mail: catialeal@ufj.edu.br

member of the quilombola community of Cedro. The bibliographic research and the interview made it possible to analyze the information in the light of the theoretical framework adopted. It was observed that the practice of sports and dance, in addition to making traditions present, is the main tool for exposing and integrating the community with society, causing feelings of satisfaction and belonging.

Keywords: Community Quilombola; Body Practies; Culture.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos os elementos relativos à cultura corporal em uma comunidade quilombola (quilombo), mais especificamente na comunidade Cedro, situada em Mineiros - GO, nos reportamos às suas origens e aos seus significados. O termo quilombo é originário da palavra africana (da língua dos bantu) “Kilombo”, cujo povo foi trazido para o Brasil e escravizado. Segundo Silva (1998), calhambola é substantivo de quilombo no Brasil e significou, no período colonial, negro fugido, negro do mato.

Resistência é referida na literatura de língua espanhola, por Jerome Blanch (2009), como cimarronaje, que significa rebeldia e resistência escrava, equivalendo ao quilombismo que se refere ainda ao esconderijo dos negros escravizados fugidos para o mato (SILVA, 1998). Ambos os termos, cimarronje e quilombismo, fazem referência aos aspectos culturais da resistência empreendidas pelas comunidades afro-latino-americanas.

No Brasil, o Quilombo dos Palmares representa, com maior evidência, o movimento, tendo sido uma grande comunidade que atingiu um poder e uma destreza econômica. Tratava-se de um ato que buscava igualdade e, para isso, os escravizados precisavam primeiro escapar, fugir dos escravocratas. Para não serem novamente capturados, formavam-se os quilombos, onde podiam agir coletivamente contra aquele sistema escravagista (SILVA, 1998).

A quilombagem é um movimento emancipacionista que antecede, em muito, o movimento liberal abolicionista; ela tem caráter mais radical, sem nenhum elemento de mediação entre o seu comportamento dinâmico e os interesses da classe senhorial. Somente a violência, por isto, poderá consolidá-la ou destruí-la. De um lado os escravos rebeldes; de outro os seus senhores e o aparelho de repressão a essa rebeldia (MOURA, p. 22-23, 1989).

Silva (1998) considera que a formação dos quilombos é a mais relevante articulação para a manutenção das características históricas e culturais pela busca e construção da individualidade e sobrevivência desse povo. As comunidades quilombolas possibilitaram o estabelecimento das famílias, que criaram suas crianças e as educaram a partir de suas

religiões e seus costumes, o que legitimou suas vidas e facilitou a prática e as manifestações culturais africanas.

O quilombo representou a luta e resistência de maior impacto daquela época e teve uma continuidade histórica nas Américas e no Brasil. Neste país, inúmeras comunidades surgiram em todos os estados. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima a existência de, aproximadamente, 5.972 localidades quilombolas em 2019, um número possivelmente muito inferior ao que já existiu no passado, pois, segundo Santos (2020), com o fim da escravidão, muitas comunidades tiveram suas terras invadidas, restando apenas aquelas que lutaram e resistiram para se manterem em suas terras.

Essa resistência permitiu que a cultura africana se mantivesse viva e pudesse ser repassada aos seus descendentes, tendo forte influência sobre a cultura brasileira, pois “o negro contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as artes, língua, religião, economia e indústria” (SANTOS, 2016, p.218).

Apesar de o Brasil ter sido colonizado pelos europeus, essa colônia foi, inicialmente, de exploração, ficando a cargo dos africanos, mesmo que de forma compulsória, o povoamento e a construção cultural desse país. Foi por meio do trabalho africano que os ricos senhores desenvolveram suas terras com a agricultura e aumentaram suas riquezas. Além do trabalho braçal, os negros trouxeram outras formas de trabalho, como arte, religião, danças, ciência, música, linguagem e economia (SANTOS, 2016).

Mesmo escravizados no Brasil e com pouco tempo fora do trabalho estafante, os negros não deixaram seus costumes e suas tradições. As danças e as músicas faziam parte das festas e reuniões em que celebravam o Rei Congo e, provavelmente, de outras festividades, em que embalados por músicas cantadas em sua língua de origem, que remetiam ao seu sofrimento do dia a dia. Para Santos (2016, p.219), “A arte de cantar e dançar sempre fez parte da alma sofrida dos escravos. Para os africanos, a música e a dança tinham ligação com mundo espiritual e poder de comunicação”.

Ao serem brutalmente arrancados dos vários territórios que compõem a África, os negros sofreram a diáspora africana ou transafricanía (termo usado por intelectuais latino-americanos em lugar de diáspora), como foi o caso de Carmen María Zielina (1992). Tal imigração forçada carrega traços indelévels de traumas e desenraizamentos ocorridos tanto no lugar de origem como no de chegada. O colonizador reprimiu seus saberes e suas práticas religiosas e culturais, o que não impediu que reelaborações fossem feitas na tentativa de recriar tradições, ainda que em condições inadequadas.

A manifestação cultural por meio das práticas corporais é uma característica forte da cultura africana, que hoje faz parte da cultura brasileira. As danças como: samba, batuque, jongo, lundu e capoeira são alguns exemplos. O samba, por exemplo, é tido por alguns como uma das representações predominantes da identidade brasileira, pois, com seus subgêneros, “é a principal influência da música africana no Brasil, que embala com seu ritmo a maior festa popular brasileira: o carnaval” (SANTOS, 2016, p.219).

A capoeira era uma dança de luta, que acontecia com movimentos sincronizados às músicas e era praticada para a defesa pessoal dos escravizados. As cantorias durante os golpes eram pensadas para não levantar suspeita dos capatazes. Hoje, a capoeira é considerada Patrimônio Cultural Brasileiro e recebeu, em novembro de 2014, o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA)³.

Essas práticas corporais representavam, ainda que já hibridizadas por meio das danças e da música, os sentimentos e as ligações com a cultura africana, além de serem um dos poucos momentos de encontro, em que, “após vários dias de trabalho eles se encontravam, pois, segundo o pensamento dos senhores, ‘quem se diverte não conspira’” (SANTOS, 2016, p.219).

Além disso, as brincadeiras, os jogos, a arte, a linguagem e as práticas corporais de cultura africana, mantidas pelos negros brasileiros e posteriormente pelos quilombolas, fazem parte da representação da cultura e resistência do escravizado. As práticas corporais são analisadas neste trabalho por sua perspectiva e relevância histórica na construção cultural das comunidades afrodescendentes e na formação do povo brasileiro. As atividades corporais acompanham o desenvolvimento da humanidade por atenderem às atividades humanas e por potencializarem suas capacidades sociais. Desde os primórdios, a corporalidade foi instrumento de sobrevivência, seja na defesa, caça, construção de abrigos e locomoção, práticas essas que exigiam um corpo forte e resistente (TEIXEIRA; DIAS, 2011).

Com o desenvolvimento da humanidade, as práticas corporais ganharam outro sentido, atendendo a novas necessidades humanas, como o caso dos festejos entre os servos e escravos, que utilizavam do movimento corporal, da dança, dos jogos, das brincadeiras e da música para entretenimento, divertimento, e por vezes, instrumento de preparação para lutas e resistências físicas (TEIXEIRA; DIAS, 2011). Considerando isso, este artigo buscou na história

³ Disponível em: <https://www.faneesp.edu.br/portal_afro_brasileira/3_V.php>. Acesso em: 13 mar. 2022.

da já citada comunidade quilombola, no Sudoeste de Goiás, identificar e analisar suas práticas corporais e culturais que estiveram presentes na comunidade e como elas se desenvolveram com o passar dos anos. Olhar esses acontecimentos indicam “una mirada afligida hacia atrás, a un tiempo lugar histórico de ruptura y pérdida, y una proyección utópica hacia adelante hacia la recuperación y la integralidade” (CLIFFORD, 1997 apud BRANCHE, 2009).

Para tanto, realizamos uma revisão de literatura, tomando como base os princípios da abordagem qualitativa em que foram estudadas publicações que abordam a cultura quilombola e a história cultural do Cedro, uma entrevista semiestruturada, realizada remotamente com um integrante da Comunidade, líder do grupo de dança que incentiva a novas gerações a manterem as tradições da comunidade e que ainda reside na área rural, além de uma visita in loco ao laboratório de Plantas Mediciniais, objetivando a coleta de informações mais minuciosas.

NOS APROXIMANDO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CEDRO

A Comunidade do Quilombola do Cedro está entre as 30 comunidades registradas em Goiás e situa-se no município de Mineiros. Os negros chegaram no estado de Goiás no século XVIII para trabalharem na extração de ouro. De acordo com Santos (2020), entre esses muitos, chegou em Goiás, ainda criança, Francisco Antônio de Moraes, conhecido como Chico Moleque. Esse era um escravizado distinto dos demais, pois nunca chegou a ser chicoteado e espancado, era muito inteligente e respeitado por seus colegas e até mesmo por seu escravizador. Por esse motivo, Chico Moleque conseguiu a permissão para trabalhar aos domingos e feriados em outras fazendas, o que o ajudou a conseguir sua liberdade (DA SILVA, 2020).

Com seu trabalho árduo, por volta de 1885, comprou sua alforria, a de sua esposa Rufina e da sua filha Benedita, além de comprar a Fazenda Flores do Rio Verde que, na época, fazia parte do município de Jataí, e que posteriormente se tornaria a Comunidade do Cedro, hoje pertencente ao município de Mineiros. Na região, já havia cerca de 30 negros que tinham fugido dos seus opressores e viviam escondidos nessas terras, resistindo política e socialmente à escravidão.

Iniciou-se, então, uma agricultura de subsistência para suas famílias e um comércio de grãos oriundos daquela terra. Chico Moleque teve mais nove filhos além de Benedita, todos livres, pois nasceram após a abolição da escravatura. Após a Lei Áurea, os negros se tornaram

livres, mas não tinham para onde ir, pois a Lei não se preocupou com a vida deles após se tornarem livres. Com isso, Chico Moleque, com um ato de generosidade, abrigou muitos escravos em suas terras, passando a liderar esse grupo e criando uma comunidade (SANTOS, 2020).

Nasceu, assim, a Comunidade Quilombola do Cedro, localizada às margens do Rio Verdinho e cercada de vegetações típicas do cerrado, dentre elas uma árvore conhecida como Cedro, que foi a responsável pela escolha do nome da comunidade, já que é uma árvore nativa das terras em que estão e por ser uma árvore grande, de casca grossa, como uma alusão à força daquele povo.

A cultura dos quilombolas do cedro tem raízes africanas e a maioria absoluta se diz descendente de Chico Moleque, que é tido como um verdadeiro herói para seu povo.

A Comunidade do Cedro ainda resguarda traços da cultura africana, como ocupação de espaço, laços de parentesco e vizinhança, relação de compadrio, lealdade e solidariedade o que leva as trocas simbólicas que reforçam a produção biológica e cultural semelhante a outros quilombos como os Kalungas, uma comunidade quilombola da região Norte de Goiás (DA SILVA, p. 5, 2012).

A comunidade guarda uma cultura riquíssima de manejo das plantas medicinais que foi iniciada por Chico Moleque com a intenção de zelar pela saúde dos cedrinos, já que o acesso aos médicos era muito difícil. Passado de geração em geração, os costumes e conhecimentos com as ervas medicinais sobrevivem até os dias de hoje e resultou na criação do laboratório de ervas medicinais do Cedro.

O laboratório é muito importante pra comunidade, muito requisitado por todos aqui dentro, todos ainda utilizam de garrafadas, remédios [...] o pessoal aqui prioriza muito os remédios da comunidade, são remédios muito bons, principalmente os mais velhos, sempre recorrem primeiro as ervas[...] (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022)⁴.

⁴ Entrevista realizada remotamente.

FIGURA 1 - Centro Comunitário de Plantas Medicinais do Cedro.



Fonte: Raiane Berigo (2022).

Mesmo com o crescimento econômico e o processo de urbanização da cidade de Mineiros, a comunidade tenta manter a cultura dos descendentes de Chico Moleque. O laboratório de plantas medicinais é muito importante para cultura e comunidade quilombola, contudo, tem enfrentado desafios para manter sua produção.

as plantas são muito importantes e hoje a comunidade tem que andar muito longe pra achar algum tipo de erva pra fazer remédios, que já não estão tendo aqui aos arredores. Antigamente a comunidade tinha uma outra sede lá perto de Santa Rita do Araguaia que era só pra extrair ervas para os remédios naturais e aí com tempo invadiram lá, os sem terras, e aí teve que voltar a pegar aos arredores aqui, e já está ficando escasso pelo desmatamento e lavouras, vai chegar um tempo que não vai ter mais (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

As atividades de subsistência ainda são comuns, assim como o manejo braçal das culturas agrícolas, como a plantação de hortaliças, milho, cana de açúcar, mandioca, pequi, gueiroba, dentre outros, e a criação e venda de animais para o sustento, como suínos, bovinos e aves (THIAGO, 2011).

A organização coletiva e a ajuda mútua entre o cedrinos é outro aspecto da cultura quilombola que ainda é mantida apesar da modernização e interferência de outras culturas na comunidade. Segundo Thiago (2011), ainda nos dias de hoje são realizadas as práticas de mutirões, em que o dono de uma terra convida os outros membros da comunidade para
[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.](#)

realizar atividades em sua propriedade em regime de troca de serviços. Essas ações vão desde o preparo da terra à construção de casas.

As casas de pau-a-pique e de palha também marcam presença na comunidade como parte de sua cultura, resistindo às modernidades que a engenharia civil atualmente proporciona, seja por simples sentimento nostálgico, seja por condições econômicas desfavoráveis às modernidades arquitetônicas (THIAGO, p. 38, 2011).

A riqueza e diversidade da cultura da comunidade do Cedro têm seus aspectos individuais, mas que podem ser identificados na descendência da cultura africana. Além do cultivo de ervas e da união ao realizarem atividades, outros costumes fazem parte da história desse povo, como por exemplo, as festas em louvor a Nossa Senhora da Abadia, tradição do catolicismo, não havendo mais o contato com as religiões das matrizes africanas.

Nessas festas, além de ser um momento religioso, era um espaço para fortalecer a comunidade, onde havia muita diversão com música, dança, comida e brincadeiras.

A festa mais tradicional da comunidade era a festa de Nossa Senhora da Abadia que acontecia na igreja próxima ao rio ali embaixo, nos dias antes da festa o festeiro saía procurando as prendas, galinha, gado, para colocar no leilão, erama 2 ou 3 dias de festas, e hoje já não tem mais (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

A interferência cultural sofrida e o distanciamento da cultura africana na comunidade podem ser percebidos pela religião. Ao virem para o Brasil, muitos africanos negros foram batizados e obrigados a seguirem o catolicismo, fazendo com que muitos praticassem sua fé secretamente (TEIXEIRA; DIAS, 2011). Até que seus descendentes de fato vivessem apenas a fé a católica, “todo final de semana os mais velhos se reuniam para rezar, nas chácaras, que é um costume que hoje não tem mais, mas antigamente era comum” (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

Ademais, as festas eram oportunidades para se expressarem corporalmente por meio da dança e da música, reforçando a cultura quilombola. Apesar das raízes ligadas ao samba e batuque, o que dominava as noites entre os quilombos do Cedro era o forró, que permanece até hoje. Considerando esse contexto histórico, optou-se, neste trabalho, por explorar aspectos da cultura quilombola a partir das expressões corporais, da dança, das brincadeiras e do esporte, objetivando identificar a presença deles para a manutenção da cultura quilombola.

IDENTIFICANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS QUILOMBOLAS DO CEDRO

A Cultura Corporal é compreendida como as atividades físicas, e seus produtos foram desenvolvidos pelo ser humano no decorrer de seu desenvolvimento histórico, sendo transmitidos de geração em geração. Além disso, a apropriação dessa cultura permitiu o desenvolvimento das potencialidades humanas (ANDRADE; SOUZA; ANDRADE, 2020).

Partindo desse pressuposto, podemos considerar que as práticas corporais quilombolas são essenciais para o desenvolvimento e a afirmação de sua cultura, pois as atividades humanas fazem parte da constituição do ser humano e da sociedade. Dessa forma, a cultura quilombola traz, por meio da dança, da música, das brincadeiras, dos jogos, do esporte e das lutas, a representação da resistência que existiu no início de suas comunidades, objetivando a afirmação como negros.

Como já dito, dentre as práticas mais comuns entre os negros, algumas se tornaram muito populares no Brasil, como a capoeira, uma mistura de dança, luta, música e resgate das tradições oriunda do Continente Africano, mas que sofreu modificações no Brasil. Foi a partir dela que surgiu a ideia de fundar uma manifestação denominada dança guerreira da Comunidade Quilombola do Cedro.

o grupo de dança quilombola do Cedro, a dança guerreira, foi fundado no ano de 2000. Ela se tornou tradicional por dançarmos na festa da consciência negra em novembro, era uma dança simples, foi fundada por nós do grupo de Capoeira e aí resolvemos fazer uma dança do grupo (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

A dança guerreira ou dança quilombola é uma dança dramática que traz um simbolismo das origens do povo, demonstrando, por meio de gestos, as características daquele povo.

a dança possui uma dramaturgia histórica, ou seja, conta a história de luta entre índios guerreiros e negros quilombolas, e revela uma situação em que é necessário controlar a resistência negra a escravidão, mais precisamente, impedir que estes se organizem em torno dos quilombos. (REIS, p. 160, 1996).

Historicamente, a dança é uma prática corporal antiga, pois, antes mesmo da linguagem oral, o homem já exprimia gestos, sendo a dança considerada como a primeira linguagem gestual. Além de uma expressão comunicativa, a dança esteve presente em todo o processo de civilização do homem e de afirmação de sua cultura (TEIXEIRA; DIAS, 2011). A Cultura Corporal está relacionada ao conhecimento acerca das manifestações corporais

produzidas historicamente pelos homens, de forma que deve nos comunicar com a natureza do indivíduo, com sua cultura e seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as práticas corporais não são somente atividades ligadas ao lazer e ao divertimento. Apesar de despertarem alegria, contato afetivo e amizades, elas podem também gerar sentimentos de introspecção, entrega, reverência, força, ousadia e pertencimento. Possivelmente, é a maneira pela qual os jovens conseguem, ainda hoje, sentir a cultura e espiritualidade de seu povo, e vivenciarem a energia de resistência e luta.

A figura do escravo fugitivo que se transforma em quilombola audaz é uma imagem que condiz com um momento histórico em que ainda existem escravos rebeldes que se arriscam com a formação de mocambos, o saque de fazendas, o levante urbano e outras estratégias de luta temidas pelas autoridades e pela população branca livre. (REIS, p. 160, 1996).

Apesar do escravizado fugitivo não ser, diretamente, o contexto da Comunidade Quilombola do Cedro, esse foi o da maioria das comunidades quilombolas do Brasil, e mesmo Chico Moleque não sendo um fugitivo, sua história remete a mesma audácia e rebeldia. A forma pela qual ele traduz isso em trabalho o torna tão valente quanto.

Pelo que depreendemos da pesquisa realizada, a dança guerreira é uma forma de evidenciar a cultura quilombola que, por todo esse tempo, se manteve na Comunidade. O grupo tem esse objetivo e vem ensinando aos mais jovens, despertando-os para o sentimento de orgulho de sua cultura para que se sintam motivados a disseminar suas tradições para a sociedade, e a dança guerreira é uma delas.

É uma alegria imensa poder estar passando essa tradição, muitos meninos cobram pra fazermos apresentações, me sinto emocionado por repassar isso a cada ano. Todo ano mudam as pessoas que participam, vem os mais novos que querem aprender, os pais pedem pra colocar os filhos, já chegamos a ter a apresentação das crianças e dos adultos, tinha grupo de mulheres separado também, mas aí depois integramos tudo em um só. Fico muito feliz mesmo (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

FIGURA 2 - A “Dança do Quilombo” realizada por meninas no barracão de festas do Centro Comunitário de Plantas Medicinais.



Fonte: Fernando Thiago (2010).

Em datas festivas, o grupo se apresenta no intuito de exaltar a riqueza da cultura quilombola e reafirmar-se contra a discriminação racial que, inacreditavelmente, ainda nos dias de hoje é muito comum.

Fizemos pra apresentar na comunidade e com o tempo fomos melhorando. A gente foi convidado pra apresentar em Goiânia, e de lá pra cá foi mudando, cada ano fazia uma coisa diferente. A pintura do corpo foi por ideias que a comunidade passava pra gente, antigamente tinha gente que pintava o corpo, aí começamos a pintar e a usar outras roupas, a tanga né. E aí com o tempo ia melhorando mais, puxar mais coisas da comunidade, tinha apresentações que colocamos pessoas como referência da comunidade, como a Dona Nenê, o finado Zé louco, foi usando as pessoas como referência (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

A busca pela confirmação da identidade quilombola cedrina ocorre também por outras práticas corporais, como as brincadeiras infantis, os jogos e o esporte.

os jogos e brincadeiras são concebidos como um dos temas da Cultura Corporal, conceituada, em síntese, como as manifestações da cultura humana historicamente acumuladas e prioritariamente expressas pelas práticas corporais, representadas pela dança, luta, esporte, ginástica, práticas corporais de aventura, jogos e brincadeiras, entre outros elementos (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Segundo Santos *et al.* (2020), alguns jogos e algumas brincadeiras trazem em sua totalidade, de maneira implícita ou explícita, a história do negro, sua luta contra a escravidão e suas raízes africanas. Esses jogos trazem à tona elementos históricos e devem ser apresentados e vivenciados por sua riqueza e representatividade africana.

Santos *et al.* (2020) destaca que a maioria das brincadeiras e dos jogos praticados pelas crianças da comunidade Quilombola do Cedro eram a produção de elementos retirados da natureza. A falta de recursos financeiros os levava a recorrerem à sua criatividade e a desenvolverem sua ludicidade e prazer em construir os próprios brinquedos, juntamente com seus pais, o que tornava aquele momento ainda mais significativo e importante.

Para uma criança, um cabo de vassoura é um cavalo, mesmo que não tenha crina, rabo ou arreios; um prato na mão é o volante de um carro imaginário, e a criança mesma é seu motor e buzina; um pedaço de madeira ou uma espiga de milho enrolada num pano é uma boneca, a filha querida de uma menina. Como acontece em comunidades remotas, muitos dos brinquedos dos meninos do Cedro são confeccionados por eles mesmos utilizando madeira, barro, espiga de milho ou aqueles materiais que a criatividade lhes permita usar (SANTOS *et al.*, p. 58, 2020).

Em contrapartida, o futebol, como parte da cultura popular brasileira, chegou na comunidade e é utilizado como uma ferramenta de aproximação com a população mineirense. O futebol de campo é muito praticado pelas crianças e pelos adultos da comunidade, que chegaram a fundar um time para participar do campeonato amador da cidade.

O esporte mais praticado aqui hoje é o futebol, a comunidade sempre foi forte nesse quesito, já ganhamos muitos campeonatos. Hoje não está mais lá essas coisas, o pessoal vai ficando mais velho, cada um encontrando uma coisa pra fazer, alguns vão jogar em outros times, mas o time do Cedro e o Camarões, que eram dois times da mesma comunidade era muito forte, a gente chegou a ganhar cinco anos seguidos o campeonato da cidade, sem perder nada. A nossa comunidade, se juntar a união de todo mundo eu falo que é uma comunidade muito forte no esporte e em várias outras coisas também (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

FIGURA 3 - O time "Camarões do Cedro".



Fonte: Arquivo da Associação Comunitária (2007).

O time “Camarões do Cedro” recebe esse nome inspirado na seleção de Camarões, país africano, como reconhecimento por suas características físicas e habilidades em campo. O time se tornou um dos mais tradicionais da cidade de Mineiros, conquistando medalhas e respeito dos adversários.

FIGURA 4 - Vitrine de troféus no Centro Comunitário de Plantas Medicinais do Cedro.



Fonte: Raiane Berigo (2022).

o time era muito unido, muito forte, todo mundo respeitava, todo mundo sabia quando o Cedro ia jogar, eles falavam ‘- olha o Cedro vai jogar hoje’. Todo mundo sabia, não é à toa que a gente tem a vitrine dos troféus aqui no laboratório, a gente veio sendo campeão de tudo que é coisa que tinha aqui em Mineiros de esporte, o futebol de campo (ENTREVISTA MEMBRO DA COMUNIDADE, 2022).

Observa-se que o esporte, além de unir a comunidade, também expressa sua força e irreverência diante da sociedade mineirense. Nota-se na fala o orgulho que a comunidade tem pelas conquistas e pelo prestígio que o esporte proporciona, sendo um agente socializador, humanizador e de aproximação com a população da cidade de Mineiros.

É importante ressaltar a relevância do esporte para a integração e quebra de paradigmas acerca das culturas africanas. Mesmo a discriminação racial ainda sendo muito presente na sociedade, no momento do jogo, prevalece a amizade e o respeito com os jogadores e torcedores. Eles fazem muitas brincadeiras, mas todas sem nenhum cunho pejorativo que possa ofender os cedrinos, “o que se observa é que a comunidade do Cedro, como instituição coletiva, hoje é mais respeitada e reconhecida pela sociedade mineirense como parte de seu patrimônio histórico e imaterial” (THIAGO, 2011, p.46).

Sendo assim, essa investigação revelou que, precisamente na comunidade investigada, a dança, mesmo que ainda presente, não é mais praticada como por seus ancestrais. A dança guerreira, por exemplo, deixou de ser realizada por algum tempo dentro da Comunidade, abrindo espaço para o forró, dança típica brasileira. Retomando o objetivo inicial deste trabalho, identificamos que a Comunidade luta para manter e resgatar tradições africanas, e que as manifestações culturais ganharam espaço e se tornaram ferramentas de valorização da cultura quilombola, como é o caso dos esportes.

Diante disso, podemos considerar que a Comunidade do Cedro utiliza da dança como ferramenta de manutenção da cultura africana, mas que, com os anos, construiu, pela especificidade da Comunidade, tradições que são mantidas e expressadas por meio de outras práticas, como o esporte e a produção de remédios naturais, que são as principais ações da Comunidade nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura brasileira está diretamente ligada à cultura africana, pois os negros vindos daquele continente foram responsáveis pela construção dos alicerces deste país. Eles foram também colonizadores, mesmo que não sejam vistos assim, e o Brasil é resultado dos excluídos, negros e índios, e dos brancos que os torturaram. Nessa diversidade, está a cultura brasileira.

As comunidades quilombolas são espaços de resistência, luta e manutenção da cultura e história dos negros. As crenças, as tradições e os costumes são expressados de muitas formas: linguagem, vestimentas, músicas, expressões, danças, esportes e nas relações em comunidade. A harmonia entre os quilombolas e os atos de cuidado com o outro e com a comunidade sugerem uma união necessária para sua sobrevivência, já que, por muito tempo, estiveram fora do convívio social urbano.

Diante disso, pudemos observar que as práticas corporais foram um elemento significativo para inclusão dos quilombolas do Cedro na sociedade. O esporte e a dança se tornaram fortes características da Comunidade, possibilitando a aproximação e integração com a população mineirense e os tornando fundamentais na cultura da cidade de Mineiros-GO.

Apesar de as práticas corporais mantidas na Comunidade do Cedro terem se distanciado das realizadas por seus ancestrais, esse é um avanço histórico comum, já que a

construção de novos costumes faz parte do desenvolvimento humano e social. De todo modo, a Comunidade ainda resguarda muitas tradições e busca repassá-las aos descendentes.

REFERÊNCIAS

A CULTURA africana. *Portal Cultura Afro-brasileira*. Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_1.php#:~:text=A%20influ%C3%AAncia%20da%20cultura%20africana,o%20caruru%20e%20o%20acaraj%C3%A>. Acesso em: 13 mar. 2022

ANDRADA, P.C. e SOUZA, V.L.T. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v. 19, n.2, maio/ago. 2015.

ANDRADE, J. da S.D. de; SOUZA, B.I.S. de e ANDRADE, L.C. de. Cultura corporal e formação humana: O papel social da Educação Física na educação escolar. Obutchénie. *Revista De Didática e Psicologia Pedagógica*. v. 4, n.2, 2020, p. 583–601.

BRANCHE, J. *Malungaje: hacia una poética de la diáspora africana*. Colombia: Biblioteca Nacional de Colombia, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DA SILVA, Vania dos Santos. ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS. *Revista Artigos.Com*, v. 19, p. e3992-e3992, 2020.

MOURA, C. *História do Negro Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 22-23.

REIS, D.M. Dança do Quilombo: os significados de uma tradição. *Afro-Ásia*. Salvador, n.17, 1996. DOI: 10.9771/aa.v0i17.20862. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20862>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SANTOS, M.A. Contribuição do negro para a cultura brasileira. *Revista Temas em Educação e Saúde*, Araraquara. v. 12, n. 2, p. 217-229, jul./dez. 2016. ISSN: 1517-7947.

SANTOS, T.S.; NOLL, M. e ANDRADE, L.C. de. (Orgs.). *Diversão e conhecimento - um resgate de brincadeiras e jogos da Comunidade Quilombola do Cedro*. 1. ed. Goiânia: IF Goiano, 2020.

SILVA, J.M. *Quilombos do Brasil central: séculos XVIII e XIX (1719 1888). Introdução ao estudo da escravidão*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 1993.

TEIXEIRA, D.R.; DIAS, F.B.M. A necessidade histórica da cultura corporal: limites e possibilidades sob a ordem capitalista. *Motrivência*. n.36, p. 94-110, 2011.

THIAGO, F. *A Comunidade Quilombola do Cedro, Mineiros, Goiás: etnobotânica e educação ambiental*. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais. UNEMAT, Cáceres/MT: 2011.

ZIELINA, C.M. *La africanía en el cuento cubano y puertorriqueño*. Miami: Ediciones Universal, 1992.

Recebido em 30 de março de 2022.

Aprovado em 20 de maio de 2022.

